

REBECCA SOLNIT

A mãe de todas as perguntas

Reflexões sobre os novos feminismos

Tradução

Denise Bottmann



Copyright © 2017 by Rebecca Solnit

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Mother of All Questions

Capa

Tereza Bettinardi

Preparação

Ana Lima Cecilio

Revisão

Huendel Viana

Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Solnit, Rebecca

A mãe de todas as perguntas : reflexões sobre os novos feminismos /
Rebecca Solnit ; tradução Denise Bottmann. — 1^a ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2017.

Titulo original: The Mother of All Questions.

ISBN: 978-85-359-2961-4

1. Ensaios 2. Feminismo 3. Violência contra mulher 1. Título.

17-06601

CDD-305.42

Índice para catálogo sistemático:

1. Feminismo : Sociologia 305.42

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Introdução</i>	11
A mãe de todas as perguntas	13
PARTE I: ROMPEU-SE O SILÊNCIO	
Uma breve história do silêncio	27
Um ano de insurreição	86
Feminismo: Chegam os homens	103
Um ano após sete mortes	117
O feliz caso recente da piada sobre estupros	126
PARTE II: ROMPE-SE A HISTÓRIA	
Fuga do bairro de 5 milhões de anos	137
Os pombais quando as pombas saem	146
Oitenta livros que nenhuma mulher deveria ler	158
Homens me explicam <i>Lolita</i>	163
O caso do agressor desaparecido	174
Giantess	183
<i>Agradecimentos e créditos dos textos</i>	195
<i>Créditos das ilustrações</i>	199

*Na esperança de continuarmos
com amor por quem vem chegando
e fazendo um alarde maravilhoso:
Atlas
Ella e irmã
Isaac e Martin
Berkeley
Brooke, Dylan e Solomon,
Daisy e Jake;
agradecendo aos leitores
e ao pessoal que arma escarcéu*

Introdução

O ensaio mais longo e mais recente neste livro trata do silêncio; quando o comecei, achei que estava escrevendo sobre as várias maneiras de silenciar as mulheres. Logo percebi que as maneiras de silenciar os homens eram inseparáveis da questão, e que todos nós existimos numa somatória de diversas espécies de silêncio, inclusive os silêncios mútuos que chamamos de papéis de gênero. Este é um livro feminista, mas não apenas sobre a experiência das mulheres, mas sobre a de todos nós — homens, mulheres, crianças e pessoas que estão questionando o binarismo e os limites do gênero.

Este livro trata tanto de homens que são feministas fervorosos como daqueles que são estupradores em série, e tem como pressuposto que todas as categorias são permeáveis e só podemos usá-las provisoriamente. Aborda as rápidas transformações sociais de um movimento feminista que se revitalizou nos Estados Unidos, no Canadá e no mundo inteiro e não está apenas modificando as leis; está mudando a maneira como entendemos o consentimento, o poder, os direitos, o gênero, a voz e a representação.

É um movimento maravilhosamente transformador, conduzido em especial pelos jovens nas universidades, nas redes sociais, nas ruas, e tenho enorme admiração por essa nova geração franca e destemida de feministas e ativistas dos direitos humanos. É enorme também meu medo da reação contra ele, uma reação que, por si só, indica a ameaça que o feminismo, como parte de um projeto mais amplo de libertação, impõe ao patriarcado e ao statu quo.

Este livro é uma viagem pelo massacre, uma celebração da libertação e da solidariedade, da percepção e da empatia, e um exame dos termos e instrumentos com que podemos explorar todas essas coisas.

A mãe de todas as perguntas

(2015)

Há alguns anos, dei uma palestra sobre Virginia Woolf. Quando as perguntas se abriram para o público, o assunto que aparentemente despertou mais interesse entre muitas pessoas era se Woolf não deveria ter tido filhos. Atenciosa, respondi que ela, ao que consta, pensou em ter filhos no começo do casamento, depois de ver a alegria da irmã, Vanessa Bell, com os seus. Mas, com o tempo, Woolf passou a considerar a maternidade uma ideia imprudente, talvez devido a sua instabilidade psíquica. Ou talvez, sugeri eu, ela quisesse ser escritora e dedicar sua vida à arte, o que fez com extraordinário sucesso. Durante a apresentação, eu havia citado de maneira positiva passagens sobre a necessidade de matar “o Anjo do Lar”, a voz interior que instrui muitas mulheres a se sacrificar como servas da vida doméstica e do ego masculino. Fiquei surpresa que o conselho de asfixiar o espírito da feminilidade convencional suscitasse essa conversa.

O que eu devia ter dito àquela plateia era que ficar especulando sobre o status reprodutor de Woolf constituía um desvio absurdo e enfadonho das magníficas questões presentes em sua

obra. (Creio que a certa altura falei “Foda-se essa merda”, passando o sentido geral da coisa e encerrando o assunto.) Afinal, filhos muita gente faz, mas *Ao Farol* e *Três Guinéus* só uma pessoa fez, e era por causa disso que estávamos debatendo Woolf.

Aquela linha de perguntas era bem familiar para mim. Dez anos antes, durante uma conversa que deveria girar em torno de um livro meu sobre política, um entrevistador britânico insistiu que, em vez de falar sobre os frutos da minha mente, deveríamos falar sobre os frutos do meu ventre — ou a falta deles. Ele me perguntava insistente por que eu não tinha filhos. E não se dava por satisfeito com nada que eu dissesse. Ele parecia defender que eu deveria ter filhos, que era incompreensível que eu não os tivesse, e assim tínhamos que ficar falando sobre os filhos que eu não tinha, em vez de falar sobre os livros que eu tinha.

Quando saí dali, minha assessora de imprensa escocesa — uma moça miúda, de vinte e poucos anos, com sapatilhas cor-de-rosa e um belo anel de noivado — estava espumando de raiva. E esbravejou: “Ele nunca perguntaria isso a um homem”. Tinha razão. (Hoje em dia, uso esse argumento para rebater alguns entrevistadores: “Você perguntaria isso a um homem?”.) Perguntas como essa parecem nascer da ideia de que não existem *mujeres* — esses 51% da espécie humana com necessidades tão variadas e desejos tão misteriosos quanto os outros 49% —, mas apenas a *mulher*, aquela que deve se casar, ter filhos, deixar os homens entrarem e os bebês saírem, como um elevador da humanidade. Essas questões, na essência, não são perguntas e sim declarações que afirmam que nós, com a nossa veleidade de nos imaginar como indivíduos, definindo nosso próprio curso, estamos erradas. O cérebro é um fenômeno individual que gera as mais variadas criações; o útero gera apenas um tipo de criação.

Quanto a mim, não tenho filhos por diversas razões: sou muito boa no uso de anticoncepcionais; embora eu goste de crianças e

adore ser tia, também aprecio a solidão; fui criada por gente bruta e infeliz e não quis reproduzir essa forma de criação nem criar seres humanos que pudessem sentir por mim aquilo que às vezes eu sentia pelos meus progenitores; o planeta não tem condições de sustentar mais gente de primeiro mundo, e o futuro é muito incerto; e eu realmente queria escrever livros, vocação que, tal como a exerço, exige muito. Não sou dogmática contra ter filhos. Poderia ter tido em outras circunstâncias e estaria bem — como estou agora.

Há pessoas que querem ter filhos, mas não os têm por várias razões pessoais, médicas, emocionais, financeiras, profissionais; outras não querem, e ninguém tem nada a ver com isso. Só porque é uma pergunta passível de resposta não significa que a pessoa tenha obrigação de respondê-la ou que ela deva ser feita. A pergunta que o entrevistador me fez foi indecente, pois presumia que as mulheres deveriam ter filhos e que as atividades reprodutoras de uma mulher eram naturalmente um assunto público. Sobretudo, a pergunta pressupunha que, para as mulheres, só existia uma maneira certa de viver.

Mas mesmo dizer que só existe uma maneira certa de viver pode ser uma formulação demasiado otimista, visto que as mães também são sistematicamente consideradas relapsas. Uma mãe pode ser tratada como criminosa se deixar o filho sozinho por cinco minutos, mesmo que o pai dessa criança a tenha deixado sozinha por vários anos. Algumas mulheres me disseram que, depois de terem tido filhos, passaram a ser tratadas como seres apáticos desprovidos de inteligência, que não devem ser levados em consideração. Muitas tiveram de ouvir que não podem ser levadas a sério como profissionais porque em algum momento vão engravidar. E muitas mães que de fato se saem bem no exercício da profissão são suspeitas de estar negligenciando os filhos. Não existe nenhuma boa maneira de responder como é ser mulher; o truque talvez esteja em saber rejeitar a pergunta.

* * *

Falamos sobre perguntas abertas, mas também há as fechadas, aquelas para as quais só há uma resposta certa, pelo menos no que concerne ao indagador. São indagações que nos forçam a concordar com elas ou que nos ferem quando delas divergimos; que trazem suas próprias respostas e cujo objetivo é coagir e punir. Uma das minhas metas na vida é me tornar rabínica o suficiente, conseguir responder perguntas fechadas com perguntas abertas, ter autoridade interna para frear a aproximação de intrusos e pelo menos me lembrar de questionar: “Por que você está perguntando isso?”. Descobri que essa é sempre uma boa resposta para uma questão antipática, e as perguntas fechadas costumam ser antipáticas. Mas, no dia do meu interrogatório sobre filhos, fui pega de surpresa (e estava com um sério jet lag) e só fiquei pensando: por que é tão previsível que façam essas perguntas tão infames?

Talvez parte do problema seja termos aprendido a questionar as coisas erradas sobre nós mesmos. A nossa cultura está impregnada de uma espécie de psicologia pop que pergunta obsessivamente: você é feliz? E perguntamos isso num reflexo tão condicionado que parece a coisa mais natural do mundo querer que um farmacêutico com uma máquina do tempo vá entregar um lote de antidepressivos em Bloomsbury, o bastante para a vida toda, pois assim seria possível reorientar uma incomparável estilista literária feminista para a produção de uma ninhada de pequeninos Woolf.

As perguntas sobre a felicidade geralmente pressupõem que sabemos como deve ser uma vida feliz. Muitas vezes se descreve a felicidade como algo resultante de uma longa fileira de coisas — casamento, prole, bens próprios, experiências eróticas —, embora baste um milionésimo de segundo para nos lembarmos de um monte de gente que tem tudo isso e mesmo assim é infeliz.

Recebemos fórmulas padronizadas a torto e a direito, mas essas fórmulas costumam falhar. Apesar disso, continuamos a recebê-las. E outra vez. E mais uma. Convertem-se em prisões e castigos; a prisão imaginária acorrenta muita gente na prisão de uma vida que segue as receitas à risca, e mesmo assim é tremendamente infeliz.

Talvez o problema seja literário: recebemos um roteiro único sobre o que é ter uma boa vida, mesmo que muitos que seguem fiéis ao roteiro tenham uma vida ruim. Falamos como se existisse um único enredo bom e um único final feliz, embora as inúmeras formas que uma vida pode assumir floresçam — e murchem — ao nosso redor.

Mesmo os que vivem a melhor versão do roteiro familiar nem sempre têm a felicidade como recompensa. Não é algo necessariamente ruim. Conheço uma mulher que viveu durante setenta anos um casamento de muito amor. Sua longa vida é cheia de sentido, e ela vive de acordo com os seus princípios; é amada e respeitada pelos seus descendentes. Mas eu não diria que ela é feliz; sua compaixão pelos vulneráveis e sua preocupação com o futuro dão a ela uma visão sombria do mundo. Para descrever o que ela experimenta, em vez de felicidade, precisamos de uma linguagem melhor. Existem critérios totalmente diferentes para uma boa vida, que podem ser mais importantes para alguns — amar e ser amado, ter satisfação, honra, sentido, profundidade, engajamento, esperança.

Parte de meu empenho como escritora tem sido encontrar formas de valorizar o que é esquivo e subestimado, em descrever sombras e matizes de significado, em celebrar a vida pública e a vida solitária, em encontrar — na expressão de John Berger — “outra maneira de contar”, o que também explica por que é tão desalentador esse repisar constante das mesmas velhas maneiras de contar.

A conservadora “defesa do casamento”, que na verdade não passa de uma defesa do velho esquema hierárquico que era o casamento convencional antes que as feministas começassem a transformá-lo, infelizmente não é monopólio dos conservadores. Muita gente nesta nossa sociedade se aferra à piedosa crença de que os filhos veem a família heteronormativa cercada por uma espécie de aura mágica maravilhosa, o que leva muitos casais a se manter em casamentos infelizes, destrutivos para todos os que estão por perto. Conheço gente que hesitou por muito tempo antes de sair de um casamento pavoroso, porque a velha fórmula insiste que uma situação que é terrível para um ou para os dois genitores será, de alguma maneira, benéfica para os filhos. Mesmo mulheres com maridos violentamente abusivos são com frequência pressionadas a continuar em situações tidas como tão irrefutavelmente maravilhosas que tais detalhes nem vêm ao caso. A forma prevalece sobre o conteúdo. No entanto, tenho visto a alegria do divórcio e as inúmeras formas que podem ser assumidas por famílias felizes, cada vez mais variadas, desde um genitor só e um filho só até incontáveis configurações de múltiplos lares e famílias ampliadas.

Depois que escrevi um livro sobre mim e minha mãe, que se casou com um profissional liberal muito bruto, teve quatro filhos e vivia nervosa, com raiva e infeliz, uma entrevistadora me emboscou ao perguntar se era por causa do meu pai violento que eu não conseguira encontrar um companheiro. A pergunta vinha carregada de pressupostos espantosos sobre o que eu queria fazer com minha vida e o direito da entrevistadora de se intrometer nela. O livro *The Faraway Nearby* [O próximo distante] discorria de maneira serena e indireta, pensava eu, sobre minha longa jornada rumo a uma vida realmente agradável, e era uma tentativa de dar conta da fúria da minha mãe, inclusive falando de sua origem estar no fato de ela ter ficado presa a expectativas e papéis femininos convencionais.

Tenho feito da minha vida o que decidi fazer, e não era isso que a minha mãe ou a entrevistadora imaginavam. Decidi escrever livros, estar cercada por gente inteligente e generosa e ter grandes aventuras. Algumas dessas aventuras incluem homens — casos passageiros, grandes paixões e relações duradouras — e incluem também desertos distantes, mares árticos, cumes de montanhas, levantes e desastres, exploração de ideias, arquivos, registros e vidas.

As receitas da sociedade para a realização pessoal parecem gerar grande infelicidade, tanto nas pessoas que são estigmatizadas porque não podem ou não querem adotá-las como naquelas que as adotam, mas não encontram a felicidade. Claro que existem pessoas com vidas bem convencionais que são muito felizes. Conheço algumas, assim como conheço muitos monges, padres e freiras no celibato e sem filhos, gays divorciados e todo o leque de entremeio. No verão passado, minha amiga Emma entrou na igreja acompanhada do pai, e o marido dele foi logo atrás acompanhando a mãe de Emma; os quatro, mais o novo marido dela, formam uma família excepcionalmente amorosa e unida, que luta pela justiça em suas atividades políticas. Neste verão, os dois casamentos a que fui tinham dois noivos e nenhuma noiva; no primeiro deles, um dos noivos chorou porque passara a maior parte da vida privado do direito de se casar e nunca pensou que veria seu próprio casamento.

Apesar disso, as velhas perguntas de sempre continuam rondando — ainda que pareçam mais uma espécie de sistema coercitivo do que questões de fato. Na visão de mundo tradicional, a felicidade é algo essencialmente particular e egoísta. As pessoas sensatas buscam o interesse próprio e, quando se saem bem, supõe-se que sejam felizes. A própria definição do que significa ser humano é estreita, e o altruísmo, o idealismo e a vida pública (exceto como fama, prestígio ou sucesso material) não têm muito

lugar na lista de desejos. Raramente surge a ideia de buscar significado na vida; as atividades corriqueiras não só são tidas como intrinsecamente significativas, como são tratadas como as únicas opções dotadas de significado.

Uma das razões pelas quais as pessoas se prendem à maternidade como elemento essencial da identidade feminina é a crença de que são os filhos que permitem consumar a capacidade de amar. Mas há tantas coisas a amar além da própria prole, tantas coisas que precisam de amor, tantas outras tarefas no mundo que cabem ao amor...

Enquanto muita gente questiona os motivos dos que não têm filhos, tidos como egoístas por recusarem os sacrifícios que acompanham o papel de genitor, se esquecem de que, para os que amam intensamente os seus filhos, pode sobrar menos amor pelo resto do mundo. Christina Lupton, escritora que também é mãe, apresentou recentemente algumas coisas que teve de abandonar quando estava sobrecarregada pelas exigentes tarefas da maternidade, entre elas:

Todas as maneiras de cuidar do mundo que não são tão facilmente validadas quanto cuidar dos filhos, mas que são, da mesma forma, fundamentalmente necessárias para que os filhos cresçam bem. Refiro-me aqui à escrita, à criação, à política e ao ativismo; à leitura, ao discurso público, aos protestos, ao ensino, à realização de filmes... As coisas que mais valorizo e das quais acredito que virá qualquer melhoria na condição humana são, em sua maioria, brutalmente incompatíveis com o trabalho concreto e imaginativo de cuidar dos filhos.

Uma das coisas fascinantes na súbita aparição de Edward Snowden, alguns anos atrás, foi a incapacidade de muita gente em entender como um rapaz podia abrir mão da receita da felicidade —

salário alto, emprego estável, casa no Havaí — para se tornar o foragido mais procurado do planeta. Ao que parece, a premissa dessas pessoas é que, como todos são egoístas, Snowden só poderia estar fazendo aquilo por ser interesseiro e querer atenção ou dinheiro.

Na primeira onda de comentários, Jeffrey Toobin, o especialista jurídico da *New Yorker*, escreveu que Snowden era “um narcisista pomposo que merece ir para a cadeia”. Outro especialista anunciou: “Eu acho que o que temos em Edward Snowden é apenas um jovem narcisista que pensa que é mais inteligente do que todos nós”. Outros imaginaram que ele estava revelando os segredos do governo americano porque era pago por um país inimigo.

Snowden parecia um sujeito de outro século. Nos seus contatos iniciais com o jornalista Glenn Greenwald, ele se nomeava Cincinnatus — o estadista romano que agia em prol da sociedade, sem procurar se promover. Era um sinal de que Snowden formara os seus ideais e modelos longe das fórmulas padronizadas de felicidade. Outras épocas e outras culturas costumavam fazer perguntas diferentes das que fazemos agora: o que de mais significativo você pode fazer com sua vida? Qual é sua contribuição para o mundo ou para sua comunidade? Você vive de acordo com os seus princípios? Qual será seu legado? O que significa sua vida? Talvez a nossa obsessão pela felicidade seja uma maneira de não responder a essas outras perguntas, uma maneira de ignorar a amplitude que as nossas vidas podem ter, o resultado que o nosso trabalho pode trazer, a abrangência que o nosso amor pode alcançar.

Há um paradoxo no cerne da questão da felicidade. A alguns anos atrás, Todd Kashdan, professor de psicologia na Universidade George Mason, divulgou estudos concluindo que as pessoas que julgam importante ser feliz são as que têm maior probabilidade de se deprimir: “Organizar a vida tentando ser mais feliz, fazer da felicidade o objetivo primeiro da vida atrapalha a pessoa ser realmente feliz”.

Finalmente tive meu momento rabínico na Inglaterra. Depois de superar o jet lag, fui entrevistada ao vivo por uma mulher com uma entonação compassiva e elegante. “Então”, disse ela num gorjeio, “você foi ferida pela humanidade e se refugiou nas paisagens da natureza.” A conotação era óbvia: eu, um excepcional e deplorável exemplar, estava ali exposto, uma estranha no ninho. Virei para o público e perguntei: “Algum de vocês já foi ferido pela humanidade?”. Riram comigo; naquele momento, percebemos que todos tínhamos as nossas esquisitices, estávamos todos no mesmo barco, e que é para isso mesmo — para cuidar das nossas feridas, ao mesmo tempo aprendendo a não ferir os outros — que estamos aqui. E também pelo amor, que vem sob inúmeras formas e pode ser dirigido a inúmeras coisas. Há muitas perguntas na vida que vale a pena fazer, mas talvez, se formos sábios, nós possamos entender que nem toda pergunta precisa de resposta.